



ACESSO ABERTO

Data de Recebimento:
28/04/2026

Data de Aceite:
07/05/2026

Data de Publicação:
21/05/2026

***Autor correspondente:**

José Gabriel Barbosa Neto,
Doutorando em Meio Ambiente
e desenvolvimento pela UFCE,
Departamento de Geografia
911, Universidade Federal do
Ceará (UFCE). Av. Mister Hull,
s/n - Pici - CEP 60455-760 -
Fortaleza - CE. (85) 3366-9855;
barbosajgn@gmail.com..

Citação:

NETO, J.G.B; MEIRELES,
A.J.A. Arte-Educação Ambien-
tal diante da Obsolescência
Contemporânea dos Catadores
e Carroceiros. **Revista Mul-
tidisciplinar em Educação e
Meio Ambiente**, v. 7, n. 2, 2025.
[https://doi.org/10.51161/integrar/
rema/4847](https://doi.org/10.51161/integrar/rema/4847)

DOI: 10.51161/integrar/
rema/4847

Editora Integrar© 2026.

Todos os direitos reservados.

ARTE-EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIANTE DA OBSOLESCÊNCIA CONTEMPORÂNEA DOS CATADORES E CARROCEIROS

José Gabriel Barbosa Neto^{a,*}, Antônio Jeovah de Andrade Meireles^b

^a Departamento de Geografia 911, Universidade Federal do Ceará (UFCE). Av. Mister Hull, s/n - Pici - CEP 60455-760 - Fortaleza - CE.

^b Departamento de Geografia 911, Universidade Federal do Ceará (UFCE). Av. Mister Hull, s/n - Pici - CEP 60455-760 - Fortaleza - CE

RESUMO

A obsolescência contemporânea, inerente à Modernidade Líquida, configura-se como um motor para o consumo repetitivo e o descarte massivo, culminando em profundas problemáticas socioambientais e na marginalização de grupos como catadores e carroceiros. Esta dinâmica societal prioriza bens materiais sobre o valor humano e a natureza, tratando o lixo de forma superficial, o que acentua os impactos ecológicos e sociais acumulados no planeta. Este trabalho teve como objetivo geral possibilitar a criação de um ambiente favorável para a práxis da Arte-educação ambiental, impulsionando a produção e a fruição artística junto a profissionais de catação em Fortaleza-CE. A pesquisa foi conduzida com base em levantamentos bibliográficos e, após aprovação do Comitê de Ética, implementou um plano de ensino de Artes Visuais ancorado na Abordagem Triangular. As atividades foram desenvolvidas com catadores atendidos pela ONG VELAUMAR e associações parceiras em Fortaleza, empregando técnicas de fotografia, autorretrato, cartografia afetiva e desenho. A metodologia incluiu a projeção do documentário "Lixo Extraordinário" e oficinas de bricolagem com materiais descartados, com todos os momentos de contato documentados visualmente com fotografias. O processo artístico demonstrou ser eficaz na criação de um ambiente seguro para a livre expressão, contribuindo significativamente para a resiliência dos envolvidos. A partir dos resultados obtidos pôde-se observar o potencial da Arte-educação ambiental em propiciar reflexão, dignidade e esperança, reiterando a convicção de que a mudança social é efetivamente possível.

Palavras-chave: Arte-educação ambiental; Profissionais de catação; Ciclo da reciclagem; Obsolescência.

ABSTRACT

Contemporary obsolescence, inherent to Liquid Modernity, acts as a driving force for repetitive consumption and massive disposal, culminating in profound socio-environmental problems and the marginalization of groups such as waste pickers and cart drivers. This societal dynamic prioritizes material goods over human value and nature, treating waste superficially, which accentuates the accumulated ecological and social impacts on the planet. This work aimed to create a favorable environment for the praxis of environmen-

tal art education, boosting artistic production and expression among waste pickers in Fortaleza-CE. The research was conducted based on bibliographic surveys and, after approval by the Ethics Committee, implemented a Visual Arts teaching plan anchored in the Triangular Approach. The activities were carried out with waste pickers served by the NGO VELAUMAR and partners in Fortaleza, employing techniques of photography, self-portraiture, affective cartography, and drawing. The methodology included screening the documentary "Waste Land" and DIY workshops using discarded materials, with all interaction visually documented through photographs. The demonstrated artistic process will be effective in creating a safe environment for free expression, significantly contributing to the resilience of those involved. Based on the results obtained, we were able to observe the potential of environmental art education in fostering reflection, dignity, and hope, reiterating the truth that social change is indeed possible.

Keywords: Environmental art-education; waste picking professionals; waste picking professionals; Obsolescence.

1 INTRODUÇÃO

A obsolescência é uma propriedade que qualifica valor temporal à matéria sob a ótica do consumismo, a fim de movimentar a economia e determinar o que permanece e o que é descartado, o que é contemporâneo e o que é antigo. No contexto da modernidade líquida, a paisagem natural tem sido modelada pelas transformações antrópicas e utópicas no ímpeto de configurar a produção de bens materiais e o seu acúmulo como sinônimo de poder, assim como o descarte de tudo o que não lhe interessa para um ambiente distante da sua vista (BAUMAN, 2017; KRENAK, 2020). Entretanto, quando se imagina que o montante de toda produção descartada tem gerado montanhas, preenchido vales e constituído ilhas no meio dos oceanos, percebe-se a desimportância que se dá para os impactos visuais superficiais e para os impactos profundos ecológicos e sociais cumulados e sistêmicos para o planeta.

Por definição, a obsolescência pode ser conceituada como a redução da vida útil intencional, ou incompatibilidade entre componentes antigos e novos; surgimento de produtos mais desejáveis no mercado (CORNETTA, 2017). Este conceito foi concebido como benefício para a sociedade, garantindo a retroalimentação do sistema ao criar o consumo repetitivo, ao passo que também se configurou como problema social e ambiental (CORNETTA, 2017).

Este conceito compõe as tendências existentes em uma Modernidade Líquida que ultrapassa os limites do tempo e do espaço, distância os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas, impulsionando também com “velocidade atordoante de circulação, reciclagem, do entulho e da substituição que traz lucro hoje - não a durabilidade e confiabilidade do produto”. Por esse motivo, evita-se o durável, almeja-se o transitório, e, para além disso, abandonam-se os indivíduos à própria sorte com sua pseudoliberalidade (BAUMAN, 2017).

Krenak (2020) reforça que no caminho do progresso existe uma ideia prospectiva de que estamos indo para algum lugar, largando no percurso tudo que não interessa, o que sobra, a sub-humanidade, alguns de nós fazemos parte dela. Nesse processo de exclusão, o sistema prioriza aquilo que lhe desperta interesse durante certo tempo e descarta tudo o que está desatualizado, quebrado, sem valor ou ainda que não apresente mais uma utilidade. Isso acontece com objetos, acontece com pessoas. É reforçado ainda que somos atravessados pela modernidade, a ciência, a atualização constante de novas tecnologias, ao passo que também somos consumidos por elas.

Em “Sociedade do Cansaço”, Byung Chul Han, 2023, destaca que nossa sociedade, somos incentivados

a maximizar a produção, priorizando o desempenho elevado. Nesse processo, somos configurados para sermos empresários de nós mesmos, num binômio em que somos agressores e vítimas de nossa própria pressão, em uma liberdade paradoxal, ocasionando esgotamento, e o burnout.

No âmbito da obsolescência, considera-se a exclusão histórica que os profissionais de catação são submetidos quando a sociedade os marginaliza pela condição social a ponto de que os mesmos se privarem de qualquer atitude de ressocialização por se sentirem aquém de direitos ou de oportunidades. Por esse motivo, “é preciso lutar para que cada vez menos mãos sejam estendidas na posição de súplica, de modo que alcancem uma realidade mais justa e equilibrada” (Freire, 1998). Se forem reduzidos ao material com o qual trabalham, que sejam ressignificados num movimento que restaure a sua dignidade e fortaleça o seu senso de pertencimento e cidadania e sejam reintegrados à condição humana.

À medida que a sociedade se omite de sua responsabilidade e lida superficialmente com o lixo, esquecendo-se dos aspectos sociais, os impactos se agravam em nossa sociedade e no planeta a ponto de potencializar a destruição de ecossistemas na mesma frequência em que nós destruímos. Existe o desafio latente de tratar o lixo como o produto de nosso consumismo desenfreado e, a partir dele, extrair resíduos úteis para nossa sociedade. É necessário evitar a extração de mais matéria prima direto da fonte, ao mesmo tempo, em que deve reinserir pessoas excluídas pelo sistema como pessoas dignas de receber o máximo de cuidado que a Constituição prevê em território nacional. Uma responsabilidade que envolve, ao mesmo tempo, o combate ao racismo impregnado na nossa sociedade e aos ditames do capital, na busca de um projeto de desenvolvimento verdadeiramente democrático para o nosso País (PACHECO, 2007).

Faz-se necessário que que nossa Constituição cidadã seja efetivamente exercida de modo a alcançar a todos, sem distinção social, sendo máxima àqueles que não têm nada, como justiça social e não atos pontuais de caridade. Também é urgente avaliar os impactos sociais diretos reverberados pela produção, consumismo e descarte em larga escala na sociedade e os efeitos excludentes entrelaçados ao racismo ambiental envolvido nesse processo de plasticidade das relações humanas.

É preciso observar ainda que a educação ambiental pode contribuir para o fortalecimento da ética socioambiental, de modo a possibilitar a incorporação de valores políticos emancipatórios que integram o projeto de uma sociedade justa e ambientalmente sustentável (CARVALHO, 2000). Nesse sentido, deve estar ao lado dos movimentos sociais na busca pelo atendimento das necessidades básicas da população, assim como a transformação social em busca de uma vida melhor para todos, educação pública de qualidade, acesso à água potável, acesso à moradia digna, pelo direito à saúde, ao trabalho, à cultura e à liberdade (LUZZI, 2013).

O mesmo autor enfatiza ainda que ela possibilita a formação de pessoas que assumam seus direitos e responsabilidades sociais, formando cidadãos críticos e participativos nas decisões que afetam seu cotidiano. Por esse motivo, a mesma não pode ser reduzida a uma visão conservadora sem perder legitimidade social ou coerência, uma vez que o cenário político e social requer o engajamento para superação da pobreza, na desapareção do analfabetismo, na geração de oportunidades, na participação ativa dos cidadãos. Logo, para resolução das problemáticas existentes, faz-se necessária a compreensão da interpretação da realidade, aprofundando-se nas alternativas de solução em coletivo, incluindo a cultura, valores e da sua organização política.

Nesse sentido, os autores Pelicioni e Philippi Jr (2002) conceituaram a educação ambiental como processo de educação política que possibilita a aquisição de conhecimento e habilidades como a formação de

atitudes que se transformam em práticas de cidadania rumo a uma sociedade mais sustentável. Desse modo, os processos educativos contribuem para formação de conhecimentos, desenvolvimento de habilidades e desenvolvimento de atitudes para poder interferir de forma participativa nos processos decisórios (CASTRO E CANHEDO JR, 2013.)

Transversalmente à perspectiva socioambiental, é preciso se considerar o protagonismo da Arte-educação como forma de criação de pontes e conexões. Assim como contribui para elaboração de vivências e para interpretação pessoal no mundo, de modo a conferir significados a cada um dentro do contexto cultural, a despeito da condição presente de sufocamento de qualquer criticidade e criatividade.

No âmbito da arte, Arte-educação e educação estética, o estímulo da criatividade possibilita a manifestação do ponto de vista da pessoa que cria, o que pode ser configurado a partir da fisiologia, temperamento, atitudes, hábitos pessoais e valores, influenciada pelos fatores ambientais e culturais. Logo, o pensamento criador em seu desenvolvimento busca estabelecer novas conexões simbólicas (Duarte Júnior, 2002). Segundo Alves (1984), o ato de conhecer é, na realidade, um reconhecer, no qual o novo adquire um nome e um sentido ao ser comparado e relacionado aos conhecimentos anteriores. Pois cada ação depende de valores e significações adquiridos anteriormente, o que valida qualquer processo de construção humana. Por esse motivo, no ato de conhecer também está incluída a criação de um lugar para o novo conhecimento na estrutura cognitiva anterior, com condições para que o novo possa ser usado sobre o mundo (Duarte Júnior, 2002).

Finalmente, este processo de criação deve transcender a fatídica bruta realidade na busca de novas relações entre símbolos, novas teorias, poemas, quadros, leis científicas, uma vez que é situada a ação no tempo futuro (Schutz, 1979). Em decorrência disso, ressalta-se a existência de rebeldia em qualquer ato criativo, pois quando se trabalha no jardim, se rebela contra a aridez do solo, quando se luta contra enfermidade, se rebela contra o sofrimento, quando se diz uma palavra, se rebela contra a solidão. Portanto, deve-se considerar os efeitos dessa rebeldia, sobretudo quando se rebela contra a opressão e a injustiça (Alves, 1976), pois visa à transformação da realidade, assim como deseja a imaginação.

Considerando o poder da arte na integração de novos horizontes, faz-se necessário considerar uma abordagem que integre a Arte-educação e Educação ambiental, ou Arte-educação ambiental, proposta por Sato & Passos 2009, com os profissionais de catação no sentido de estimular o pensamento crítico, a criatividade como forma de rebeldia ao contexto de obsolescência no qual estão inseridos, a fim de suscitar movimentos que lhes resgate a dignidade e mudança de realidade.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho é possibilitar a criação de um ambiente favorável para a práxis de Arte-educação ambiental, produção de arte e fruição juntos a profissionais de catação, considerando o seu contexto socioambiental em Fortaleza-CE.

Os objetivos específicos são:

- a) Identificar no território fortalezense locais de agregação de profissionais de catação associados e não associados.
- b) Estabelecer um plano de ensino de Arte-educação ambiental não-formal para trabalho da subjetividade, pensamento crítico e criatividade de profissionais de catação de Fortaleza-CE;
- c) Compilar todas as produções dos profissionais de catação realizadas no período.
- d) Realizar exposição fotográfica que retrate o trabalho dos catadores e carroceiros em Fortaleza.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos pré-estabelecidos, foi necessário estabelecer um critério investigativo de modo a permitir a condução de uma narrativa de forma coerente. Por isso, foram realizados levantamentos de dados a partir de leituras de artigos encontrados em meios eletrônicos. Na seleção do material relacionado ao tema, foram destacados aqueles que melhor representavam a temática, de forma a permitir a compreensão do tema escolhido (Marconi; Lakatos, 1992).

No trabalho, foram destacados aqueles que melhor representavam a temática, de forma a permitir a compreensão do tema escolhido (Marconi; Lakatos, 1992).

A pesquisa foi encaminhada à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Ceará, uma vez que se propõe ao trabalho com seres humanos, conforme previsto na Resolução nº 510 de 07 de abril de 2016, seguindo todos os protocolos e princípios éticos na pesquisa em Ciências humanas e sociais.

Uma vez aprovada pelo comitê, foi aplicado o plano de ensino das Arte-Educação Ambiental fundamentado na Abordagem Triangular em profissionais de catação atendidos pela ONG VELAUMAR, de Fortaleza-CE, por meio de diferentes técnicas de fotografia, autorretrato, cartografia afetiva e desenho. Todos os momentos de contato foram registrados por meio de fotografia e no final de cada encontro foram realizadas dinâmicas criativas para obtenção de feedback sobre cada ação desenvolvida. Todo esse material produzido foi interpretado ao longo do trabalho.

Além disso, foram feitos contatos com associações de catadores de duas regionais de Fortaleza-CE, Rosa Virginia e Raio de Sol, por meio do projeto de extensão da UFC Ação Curricular em Comunidades de Saberes (ACC) “Catadores” que capilarizou a rede de contatos e possibilitou aprofundamento de relações entre associações e universidade. A convergência com o projeto possibilitou a realização de fotografias dos catadores dessas associações e fotografias de rua, conceituando a presença dos mesmos nos diversos territórios que compõem a paisagem urbana. Uma vez compiladas todas as fotografias, foi realizada uma curadoria e expografia para exposição de todo esse material nos Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará, em 2024. Durante a ocasião, os catadores foram convidados para conhecer a exposição e para realização de uma roda de conversa sobre a importância deles na cidade de Fortaleza.

No que tange à Abordagem Triangular, defende-se a conexão do ler, do fazer e do contextualizar, que possibilita a interpretação artística historicamente, tecnicamente e esteticamente, corroborando também para o desenvolvimento da cognitivo e afetivo ao longo do processo do fazer artístico (BARBOSA,2013; PIANOWSKI; GOLDBERG, 2019)

Para cada produção autoral dos profissionais de catação de Fortaleza, elencou-se o critério de caracterização constituído por 5 (cinco) modalidades diferentes temáticas: autorretrato, catação, poluição, arte, natureza. É preciso salientar que as atividades criativas se caracterizam pela sinergia entre o sensível e o inteligível, com a possibilidade de construção de analogia e síntese, assim como de inferências lógica e de análise (ROIPHE; MATTAR, 2012).

Considerou-se ainda o método criativo cuja característica principal é de operar com símbolos de caráter convencional, firmados na incorporação e transformação dos dados, determinando transformações de ordem sintática, semântica, ou sugerindo novas significações. Nesse contexto, as colagens, montagens,

bricolagens, imagens híbridas são exemplos de criações que resultam da prática de metacriação. Essa técnica criativa é usualmente aplicada nas obras de Vik Muniz por meio da justaposição de materiais diversos, conforme a proposta de criação. Em suma, se pressupõem a relação de diálogo entre vários códigos e linguagens no campo metalinguístico e metacriativo, representação da representação no qual o público atendido pode desenvolver seus percursos criativos.

Além disso, analisou-se a relação entre o método escolhido e o caminho e modalidade operativa, ao longo da construção da poética, evidenciando-se as diretrizes operacionais de criação que possibilitam estabelecer os mecanismos de criação individual.

Diante dos diversos grupos, adotou-se uma linguagem artística apropriada, por meio de formas, elementos e princípios de formatividade, procedimentos, técnicas, materiais e critérios de avaliação (ROIPHE; MATTAR, 2012).

Finalmente, considerou-se a construção de uma exposição a partir do compilado de produções realizadas neste período. O intuito de oferecer ao público que frequenta a ONG uma apreciação imagética das produções carregados de memória afetiva em que ele pudesse fruir com sensibilidade, qualidade e exaltação pelo olhar, por isso, a exposição apresentou trabalhos sob diversas feições, principalmente sob o olhar dos profissionais de catação se comportaram como observadores.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contato com a ONG VELAUMAR e com o grupo Desencapsulando possibilitou o desenvolvimento do plano de ensino de Arte-educação Ambiental fundamentado na Abordagem Triangular em profissionais de catação atendidos pela ONG e residentes nos arredores do território do Centro Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, de Fortaleza-CE, por meio de diferentes técnicas de desenho, fotografia e autorretrato. Todos os momentos de contato foram registrados por meio de fotografia e no final de cada encontro foram realizadas dinâmicas criativas para obtenção de feedback sobre cada ação desenvolvida. Todo material produzido foi interpretado ao longo do trabalho.

Ao longo dos encontros foram adaptadas às estratégias de contato e engajamento do público assistido. No primeiro encontro com o público atendido pela Ação de Desencapsulando, foi conduzida uma roda de conversa na qual as profissionais de Psicologia, Serviço Social e Enfermagem conduziram um momento de fala e escuta ativa aos participantes. Nesse contexto, foram realizadas perguntas gerais de como estavam chegando e cada um, paulatinamente, falou como estava, suas lutas diárias e questionamentos. A partir do que traziam, os profissionais trouxeram esclarecimento para suas dúvidas relativas aos serviços do CAPS e das Comunidades Terapêuticas.

Execução do Plano de Ensino de Arte-educação ambiental

Na sequência das atividades, o mobilizador social realizou contato com todas as pessoas disponíveis, dentro de seu contexto, a participar do encontro. O mesmo se dirigiu aos principais pontos de aglomeração das pessoas em situação de rua, nas proximidades do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Nas abordagens, o mobilizador, cordialmente chamava cada um a vir para o Ateliê, porque haveria uma programação direcionada para eles. Muitos dos abordados, se encontravam em seus colchões descansando, de uma noite de trabalho e de uso. Alguns deles já estavam em sua rotina catando resíduos ou vigiando carros. Outros,

permaneciam na praça sob efeito de drogas. Dada realidade, seria necessário grande força ou necessidade que gerasse um movimento desse público para esse tipo de programação arte-educativa ambiental.

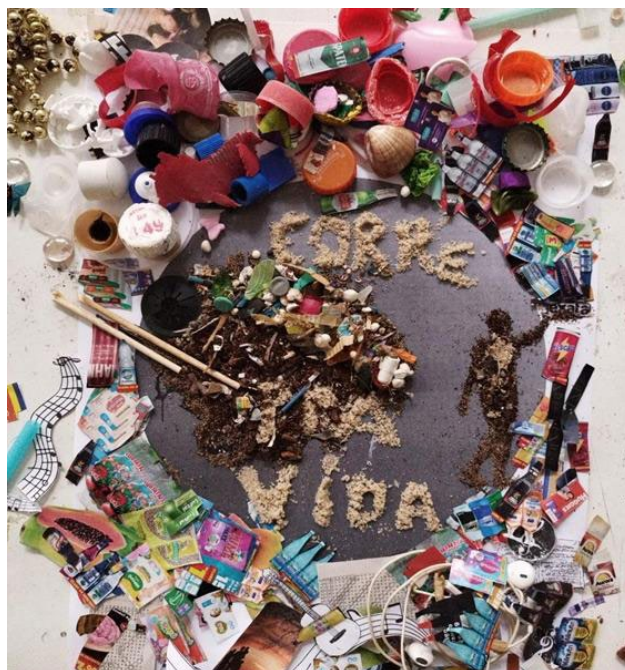
Enquanto era realizada a mobilização social, foi ambientado o Ateliê situado na Praça Verde para reprodução do filme “Lixo Extraordinário” (2009) de Vik Muniz (Figura 2). Aos poucos, foram chegando algumas pessoas em resposta ao convite realizado pelo mobilizador social. Foram dadas algumas informações preliminares sobre o documentário, que retratou o maior lixão da América Latina, no Rio de Janeiro, no qual o artista Vik Muniz contactou por 2 anos com catadores de materiais e desenvolveu processos artísticos usando resíduos selecionados pelos mesmos. Os presentes assistiram atentamente o documentário, por vezes, comentavam algo com entusiasmo e se emocionaram em algumas partes dos relatos. No final do filme, abrimos uma roda de conversa para trazer as impressões de todos presentes. Todos trouxeram um retorno positivo sobre o filme. Com certa esperança, reconheceram as possibilidades de mudança a partir da arte. Também comentaram que já estavam saturados da vida na rua e que queriam sair desse contexto e pediram orientação sobre o atendimento do CAPS. Repassadas as informações, aproveitei para convidá-los a virem nos dias seguintes para realizarmos atividades de Arte-educação ambiental e expor todos os trabalhos no final do ciclo das atividades.

Antes da finalização do encontro, passei uma atividade para eles responderem: “Do que sou feito?”; “Quais materiais me representam?”; “Quais lugares de Fortaleza tenho uma relação de afeto?” e “Quais lugares me fazem sentir orgulho de ser de Fortaleza?”. Diante das perguntas, os presentes responderam que eram feitos de música, de praia, do sol e pela família. Em relação ao segundo questionamento, trouxeram como resposta os materiais que faziam parte do seu cotidiano, gosto e ofício: revistas, instrumentos musicais, latinhas, garrafas PET e areia do mar.

No segundo dia de atividades, o ateliê foi organizado de modo a ambientar um espaço de produção criativa. Foram dadas instruções sobre a produção dos autorretratos, sobre a percepção de si, utilizando os materiais disponíveis como lápis, lápis de cor, canetinhas, giz, papéis de desenho dentre outros materiais. Na ocasião também foi reforçado que, apesar de existirem técnicas, não existe produção errada ou esteticamente feia. Cada produção deve refletir a própria subjetividade e autopercepção.

Com base nas informações dos encontros anteriores, foram providenciadas quadro fotografias, duas da escritora e catadora Maria Carolina de Jesus, uma da Estátua de Iracema da Lagoa de Messejana e uma de um carroceiro não identificado, realizando seu ofício. A oficina do terceiro dia contou com a presença do público-alvo das ações e também por profissionais do CAPS das áreas de Enfermagem, Serviço Social e Psicologia. Inicialmente foi realizado uma ligação com filme apresentado no primeiro dia, sobre a importância de se perceber como alguém é capaz de produzir arte através dos materiais que dispomos. Também foi comentado sobre a importância de Maria Carolina de Jesus como mulher preta, periférica, que construiu o hábito da leitura e da escrita e que teve sua obra traduzida em diversos idiomas. Por fim, foi comentado sobre a importância dos catadores e dos carroceiros para cidade no processo de coleta e direcionamento dos materiais aos órgãos competentes da prefeitura. Dito isso, cada um dos presentes escolheu uma imagem e os materiais a serem utilizados para sua composição visual por meio da técnica de bricolagem. Todos possuíam à disposição elementos como sementes, folhas de árvores, algas, areia da praia, café, conchas, pedras, recortes de produtos recicláveis, fragmentos plásticos, recortes diversos, dentre outros itens e ficava a critério de cada um a seleção dos materiais para composição da imagem.

Figura 1 - Terceiro dia de produção Arte-educativa. Produção segundo o conceito de Vik Muniz.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Nesse processo de construção, destaco a produção que possui como plano central a imagem de um carroceiro e sua carroça (Figura 1). Ambos são feitos de café, areia e fragmentos plásticos. Em torno deles há um plano de fundo formado por diversos materiais, fragmentos plásticos maiores e recortes de materiais antes de serem descartados, como em um ciclo de produção e descarte. No centro, foi colocada ainda uma mensagem escrita com areia: “Corre pra vida”.

Ao término da oficina, foi questionado como eles estavam, nesse processo criativo e quais as impressões. O retorno foi bastante positivo. Para fechar o encontro, comentei que aqueles materiais foram descartados de forma inadequada. Apesar de terem sido encontrados na rua, na praia, possuíam resistência, valor e ainda poderiam ser reciclados. E que todos ali possuíam também seu valor. A prática de não colar os materiais no papel reforçava ainda o nosso poder de criar e recriar conforme nossa vontade e que isso tornava cada intervenção única. Como fechamento, foi comentado sobre os próximos encontros e sobre a atividade final de exposição dos trabalhos realizados nesse período.

O quarto encontro da sequência envolveu a atividade de Cartografia Afetiva, que compreende na manifestação livre e espontânea de sentimentos, pensamentos e imagética sobre fotografias previamente selecionadas, conforme o resultado da pesquisa realizada anteriormente no primeiro encontro. As fotografias selecionadas foram da Iracema da Lagoa de Messejana, Ponte do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Praia da Sabaguaba e Praça do Passeio Público. Todos os interessados em participar foram convidados a pegar pincéis e manifestar sua opinião acerca dos locais selecionados.

Com base na interação com as fotografias, foi possível observar que todos os lugares retratados traziam alguma memória ou lembrança, para além da beleza natural ou construída. Foram frequentes as palavras “gratidão” e “saudade” o que podem remeter a lembranças de situações anteriores ou de companhias nesses ambientes que possibilitaram a criação de um vínculo de afeto ao lugar referido, uma vez que somos constituídos socialmente na interação com o ambiente do qual fazemos parte.

A partir de todos os materiais produzidos, foi realizada uma exposição no espaço do Ateliê da Praça

Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Cada produção foi seccionada por dia de interação, o que contribuiu para construção de uma linha do tempo dos trabalhos. O material da exposição ficou disposto inicialmente em uma lona preta presente no espaço e posteriormente em uma parede central para permitir a apreciação de todos ao longo dos encontros.

Atividade Extra de Arte-educação

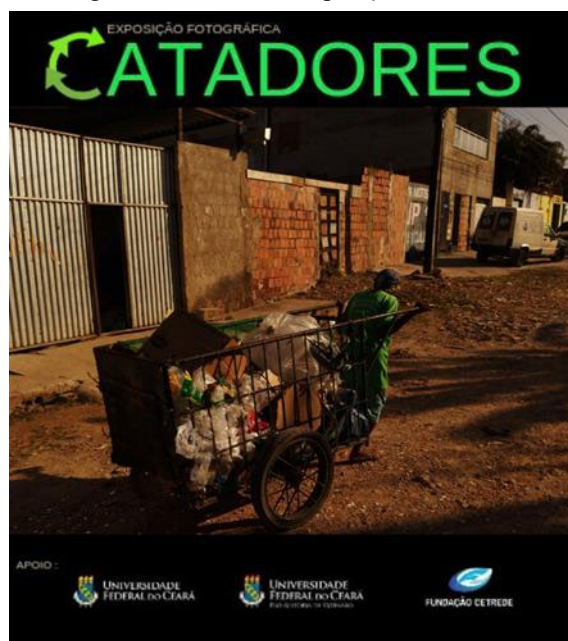
No último encontro, foi oportuno o desenvolvimento de atividades no espaço comum do atendimento multiprofissional do Desencapsulando. A abordagem replicou as ações do segundo dia, envolvendo desenho, mas dessa vez foi dada a instrução que eles poderiam desenhar ou escrever o que quisessem naquela folha de papel, usando todos os materiais disponíveis. E os resultados envolveram a produção de desenhos de paisagem, histórias e narrativas subjetivas, manifestações religiosas, cartas de amor e recados. Em geral se usou o espaço do papel como espaço de liberdade para produção criativa.

Na última sequência de desenhos, os recados, pôde-se incluir quatro mensagens. Gostaria de destacar ainda as duas últimas mensagens: “Deus, isso é só uma fase que estou passando, mas creio que tudo vai passar e vou sair dessa vida de rua e voltar até minha vida de volta. Só Deus sabe o que estou passando”.

Exposição fotográfica Catadores

Na segunda metade de 2024 foi possível ainda realizar contato com as associações Rosa Virginia e Raio de Sol, situadas respectivamente nos bairros Conjunto Esperança e Genibau, em Fortaleza-CE. Na ocasião, foi possível interagir com os representantes de cada associação e convidá-los a participar de movimentos de extensão universitária, no formato de Atividade Curricular Complementar, no sentido de promover a sua visibilidade sobretudo para comunidade universitária. Para isso, utilizamos a linguagem da fotografia para retratar a sua rotina de ofício, seu ambiente de trabalho, seus petrechos, assim como seu retrato como profissional inserido na ótica da reciclagem. Para além das fotografias nas associações, foram realizadas ainda fotografias de rua, que enquadraram o carroceiro na paisagem urbana.

Figura 2 - Banner da Exposição Catadores



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Figura 3 a 5 - Fotografias da exposição retratando o ambiente da associação e da paisagem urbana.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Figura 6: Roda de conversa com os profissionais de catação durante a exposição “Catadores”



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Figura 7: Catadora e carroceria, dona Hilda, pioneira da catação da associação Rosa Virginia.



Fonte: arquivo pessoal (2024).

Uma vez organizadas as fotografias, submetemos ao processo curatorial e, posteriormente, expográfico para exposição na Universidade Federal do Ceará, durante os Encontros Universitários. Na ocasião, convidamos os catadores e carroceiros envolvidos, líderes de todas as associações para ver a exposição. Uma vez apreciado o resultado, os convidamos para participação de uma roda de conversa, comentamos que os protagonistas de todo esse movimento são eles e recebemos as impressões ao ver uma exposição cujo tema era “Catadores”:

Depoimento da representante do movimento nacional de catadores brasileiro:

Hoje nós tivemos um evento que foi a exposição de uma galeria de fotos na UFC que fomos convidados. Fizemos parte dessa exposição e tivemos todo acompanhamento desde a associação, coleta de informações e fotos. A capa da exposição é uma pioneira na luta pela sobrevivência da associação Rosa Virginia. Tivemos também representantes da associação Moura Brasil, Viva a vida, Oscar Rosa, Raio de sol e da Rede Nacional de Catadores. Então, o que eu achei do evento: uma oportunidade boa de a gente se sentir parte de uma visibilidade audiovisual, trazendo para o ambiente universitário uma discussão muito importante. Então, esse evento simboliza, marco de uma discussão para além de importante. É um evento que traz a expectativa de trazer visibilidade à quem está à margem da imagem. Nós catadores estamos à margem da sociedade, sujeitos a um racismo ambiental, e aos poucos estamos trabalhando para dar visibilidade para os catadores nos espaços que discutem a formação, a metodologia, a pedagogia. Eu achei magnifico o evento. Foi modelado na simplicidade, trazendo à tona os rostos, personagens dos catadores e catadoras. Foi um trabalho bellissimo. O verdadeiro caminho acontece quando

conseguimos romper o poder da individualidade para o coletivo. Sabemos que esse trabalho foi coletivamente bem preparado, trazendo pra nós a esperança. Agradeço muito a oportunidade de participar desse encontro na universidade. A gente sabe que caminhos podem abrir caminhos. Só tenho a agradecer!

Com base nos resultados obtidos, pensar a Arte-Educação Ambiental no cenário de obsolescência no contexto atual contemporâneo é reconhecer que a importância que nossa sociedade atribui para os produtos e para as coisas, em detrimento do valor dado ao ser humano e à natureza. No cenário de uma modernidade líquida e uma sociedade cansada, as pessoas têm prazo de validade o que fomenta a cultura do descarte em massa. Lidamos com a problemática do lixo de forma tão superficial, que esquecemos, que não existe o termo “jogar fora” dentro um planeta. Existe um montante de materiais diferentes, com propriedades diferentes, condensados em montanhas de lixo para regiões afastadas da nossa vista para que isso não nos traga impactos visuais e sistêmicos. Quem subsiste do lixo, observa a preciosidade dos mesmos materiais descartados para sua subsistência.

Logo, ainda que a sociedade de consumo atribua valor temporal à matéria de forma intencional, para movimentar a economia e classificar o que permanece e o que é descartado, o que é contemporâneo e o que é antigo, a retroalimentação do sistema ao criar o consumo repetitivo, potencializando os problemas sociais e ambientais a nível local ou global (CORNETTA, 2017), faz-se necessário ir na contramão desse percurso. Ainda nesse cenário, “Para onde estamos indo?”, de Krenak (2020), reforça que ao longo de nossa trajetória “do progresso” reverbera na acentuação da exclusão e autofagia pela modernidade que nos consome, com a atualização da ciência e novas tecnologias.

No âmbito da obsolescência humana, é possível observar considera-se a exclusão histórica que diversos grupos étnicos, sociais, raciais além de profissionais são submetidos, quando a sociedade os marginaliza e os “descarta” para um lugar longe da vista. Nesse lugar de exclusão, encontram ofícios diversos, dentre os quais está o garimpo da catação, que se configura como atividade informal invisibilizada de seguranças trabalhistas. Logo, é importante que seja feito o caminho inverso que lhes restitua a autoestima, de modo que, se forem reduzidos ao material com o qual trabalham, que sejam ressignificados num movimento que restaure a sua dignidade e fortaleça o seu senso de pertencimento e cidadania e reintegrados à condição humana.

Nesse panorama apresentado, a arte tem emanado de uma forma estranha, refletindo toda esfera de descarte, exclusão e sofrimento. Tal qual a flor de Drummond, que provoca náuseas, diante da pressão do asfalto e sufocamento por nossa pressão deletéria. O cenário de guerra retratado por Descartes Gadelha, em sua composição de telas retratando o lixão do Jangurussu retratou o cotidiano dos catadores em uma condição de não-humanos. O artista foi provocado, assim como o educador Rubem Alves definiu a paixão, como uma coceira que o induziu a coçar e coçar até que sangrasse. Uma vez reunidas, suas obras foram expostas no Museu de Arte Contemporânea da UFC e chamaram atenção de políticos que logo desativaram o aterro e se mobilizaram para requalificação da região por meio da urbanização. Um dos efeitos imediatos dessa desativação foi que os catadores passaram a ficar à deriva ao longo do território da metrópole por meio de suas carroças, sem o devido amparo, uma vez que não foi pensado em um plano de assistência multiprofissional que os conduzisse a uma transição adequada, lhes conferindo mais estabilidade posteriormente.

Quando entrei em contato com a ONG VELAUMAR, nas ações de Desencapsulando, de roda de conversa multiprofissional, ficou nítido pra mim sentimento de descarte presente em algumas das pessoas em situação de rua, que praticavam também a catação para subsistência de suas necessidades. Isso foi evidenciado nas falas de decepções, de suas experiências e sobre seus temores sobre a ineficácia dos tratamentos. Esse sentimento potencializou os movimentos de auto exclusão e compulsividade e os retinham no ambiente das ruas. Entretanto, nem toda aridez desse ambiente foi capaz de retirar o poder de expressão artística, de fruição e de apreciação estética dos mesmos.

O estudo da Arte-educação Ambiental me levou a conhecer também o documentário “Lixo Extraordinário” de Vik Muniz, que retratou a problemática dos catadores no Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, ocorrido entre 2007 e 2009. Segundo Marques e Senna (2013), no documentário é mostrada a relação do artista com os catadores de lixo. Além disso, o documentário revelou a capacidade transformadora da arte na vida dessas personagens. Devido à afinidade do conteúdo do documentário com o tema central do projeto, a escolha pôr reproduzi-lo contribuiria para construção de uma narrativa do plano de ensino de Arte-educação ambiental junto ao público trabalhado. E, de fato, foi possível mostrar a relação da arte, política no processo de emancipação e de reconfiguração social dos catadores (MIGLIORIN, 2010).

Para além disso, o documentário serviu de mote para produção de narrativas subsequentes envolvendo a autopercepção, através dos desenhos de autorretrato e das oficinas de reconstrução de fotografias seguindo a estética apresentada no documentário de Vik Muniz. Esse tipo de abordagem também foi desenvolvido em Barreira (2014), que desenvolveu um Programa de atividades expressivas através da Arte, em uma escola de ensino básico, com o objetivo de contribuir com a formação humana. Dentro das oficinas, foi utilizado o recurso cinematográfico do documentário, ao passo que se incentivou à educação estética dentro da escola, contribuindo para produção de arte e estímulo de criatividade na escola, o que apontou nesse ambiente as possibilidades de mudanças que elas geram e a relação da arte com valores humanos essenciais, que são universais. Similarmente, ao longo das experiências construídas, foi demonstrado interesse dos envolvidos em participar das discussões sobre o assunto, concordando que as experiências vividas até aquele ponto haviam contribuído para sua resiliência diante das dificuldades. O processo artístico conduzido, fluiu junto ao grupo pelo fato de se construir um ambiente seguro no qual foi possível a manifestação da liberdade de expressão dos envolvidos em toda sua subjetividade. A afetividade pode despertar o interesse, motivação, desejos, valores, emoções, perguntas, respostas e o desenvolvimento da inteligência (SOUZA, 2012). Logo, a maneira com que se transmite as informações ou se promove atividades pode ser determinante na assimilação do público envolvido.

O mote para realização da oficina de retratos foram os nomes de lugares de afinidade, assim como a relação dos mesmos com a catação. Nesse sentido, o uso da fotografia da escritora e catadora Maria Carolina de Jesus permitiu a construção de uma narrativa sobre sua história de vida e luta, como mulher preta, periférica, que construiu o hábito da leitura e da escrita, com os papéis que catava, em meio a um cenário que ela caracterizou como quarto de despejo e de sofrimento. A mesma havia confirmado que a fome possuía a cor amarela, porque sempre que sentia desfalecer por falta de alimento, tudo em volta ficava amarelado. Percebi que essa escolha favoreceu o processo criativo individual de forma autônoma. Assim como permitiu que eles refletissem sobre o descarte inadequado. Embora estivessem sido encontrados na rua, na praia, possuíam resistência, valor e ainda poderiam ser reciclados. Foi reforçado ainda que todos ali possuíam também seu valor.

A atividade colaborativa de construção da cartografia afetiva possibilitou que os envolvidos manifestassem através de desenhos e palavras a suas impressões sobre alguns lugares de Fortaleza remetendo experiências e lembranças diversas. Para Cool (1996), o processo de aprendizagem é construído como resultado da interação entre o sujeito e o ambiente, sendo traduzida invariavelmente numa modificação comportamental. Isso corrobora para percepção de que somos constituídos socialmente na interação com o ambiente do qual fazemos parte. Apresentar essa realidade aos mesmos abre espaço para reflexão de quais memórias construímos nos diversos lugares que frequentamos.

A partir de todos os materiais produzidos, foi realizada uma exposição no espaço do Ateliê da Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. Cada produção foi seccionada por dia de interação, o que contribuiu para construção de uma linha do tempo dos trabalhos. O material da exposição ficou disposto inicialmente em uma lona preta presente no espaço e posteriormente em uma parede central para permitir a apreciação de todos ao longo dos encontros. Entende-se a exposição enquanto um eixo comunicacional, articulado em três eixos: a fundamentação, a produção imagética e a extroversão (Cunha, 2005, p. 2).

No caso, a linha do tempo de produções visuais possibilitou a retrospectiva de ações realizadas junto aos participantes, assim como a apreciação de toda produção construída até o momento. Com base na seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho espacial e visual preliminar, pode-se vislumbrar a produção de um espaço expositivo de qualidades sensoriais e a fruição dos visitantes e moradores da região assim como sua conexão direta com o que está sendo mostrado (CURY, 2006, p.43).

Durante a última atividade, desenvolvida de forma concomitante o atendimento multiprofissional do Desencapsulando, pôde-se observar a diversidade de expressões de cada participante para retratar desenhos de paisagem, histórias e narrativas subjetivas, manifestações religiosas, cartas de amor e recados. Segundo Mamede e Fraihat (2001), as manifestações artísticas de um modo geral refletem aos acontecimentos da própria vida. Como Paulo Freire ressaltou: “homens e mulheres inventam a história que eles e elas criam e fazem. E é essa história e cultura que criam e fazem, alongando-se sobre a história, a história voltando-se sobre a cultura, que gera necessidade de educar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dinâmica de exclusão é bem observada em nossa sociedade consumista e materialista. O montante de toda produção descartada pode ser percebido através da existência de lixo espalhado pelas ruas da cidade, pela existência de montanhas e de ilhas de lixo. Isso corrobora a compreensão da importância para os impactos visuais superficiais e para os impactos profundos ecológicos e sociais cumulados e sistêmicos para o planeta.

Ressalta-se que no âmbito social da obsolescência, considera-se a exclusão histórica que os profissionais de catação são submetidos, sendo marginalizados muito embora exerçam atividade de agente ambiental de limpeza dos materiais descartados incorretamente. Por esse motivo, “é preciso lutar para que cada vez menos mãos sejam estendidas na posição de súplica, de modo que alcancem uma realidade mais justa e equilibrada” (FREIRE, 1998). Se forem reduzidos ao material com o qual trabalham, que sejam ressignificados num movimento que restaure a sua dignidade e fortaleça o seu senso de pertencimento e cidadania e reintegrados à condição humana.

Neste processo de despertar a consciência da condição humana, a arte como um todo adquire função

essencial, por possibilitar a expressão daquilo que está fora dos limites da razão discursiva. Considerando que as formas de expressão artística acompanham o homem desde a sua criação e que foram tudo o que restou das culturas pré-históricas, esse fato reúne razão suficiente para que se reconheça a importância da arte na constituição humana (DUARTE JÚNIOR, 2002).

Conhecendo o potencial que a Arte-educação Ambiental possui para criação de pontes e conexões, entende-se que a ambientação e vivências como ambiente fértil para interpretação pessoal no mundo, de modo a conferir significados a cada um dentro do contexto cultural, a despeito da condição presente de sufocamento de qualquer criticidade e criatividade.

Faz-se necessário observar que nesse processo de conhecimento da realidade, faz-se necessário o reconhecimento, delimitação e definição dos conhecimentos anteriores adquiridos (ALVES, 1984). Por esse motivo, no ato de conhecer também está incluída a criação de um lugar para o novo conhecimento na estrutura cognitiva anterior, com condições para que o novo possa ser usado sobre o mundo (DUARTE JÚNIOR, 2002).

Logo, compreende-se que o processo de criação possibilita a transgressão da fatídica bruta realidade na busca de novas relações entre símbolos, novas teorias, poemas, quadros, leis científicas, uma vez que é situada a ação no tempo futuro (SCHUTZ, 1979). Por esse motivo, deve-se considerar os efeitos dessa rebeldia, sobretudo quando se rebela contra a opressão e a injustiça (Alves, 1976), pois visa à transformação da realidade, assim como deseja a imaginação.

Quanto a prática de Arte-educação Ambiental “CATADORES” em Fortaleza/CE, foi possível desenvolver um ambiente favorável para produção de arte e fruição juntos a profissionais de catação em Fortaleza-CE e, a partir disso, construção de um plano de ensino de Arte-educação ambiental de modo que possibilitasse o trabalho da subjetividade, do pensamento crítico e da criatividade de profissionais de catação da capital. Além disso, foi possível a produção de uma exposição com todos os trabalhos desenvolvidos nos encontros.

A parceria com ONG VELAUMAR e com as associações Rosa Virginia e Raio de Sol permitiu a capilarização dos esforços direcionados ao público-alvo, ao passo que a produção do plano de ensino das Artes visuais fundamentado na Abordagem Triangular possibilitou a consolidação de diferentes técnicas de desenho, fotografia e autorretrato para se trabalhar a arte e a obsolescência contemporânea. Em cada contato, pôde-se observar o engajamento, a disposição no fazer artístico.

A reprodução do documentário Lixo Extraordinário abriu espaço para reflexão sobre assim com o entusiasmo e a certa esperança na verificação das possibilidades de mudança a partir da arte.

Além disso, as produções de desenho de autorretrato possibilitaram reflexão sobre a própria subjetividade e autopercepção.

Os momentos de interação após o processo criativo com materiais diversos, incluindo materiais descartados incorretamente também possibilitaram abertura para comentar sobre o valor dos materiais, que apesar de terem sido encontrados na rua, na praia, possuíam resistência, valor e ainda poderiam ser reciclados. E que todos ali possuíam também seu valor.

A prática da Cartografia Afetiva possibilitou a manifestação livre e espontânea de sentimentos, pensamentos e imagética sobre fotografias de lugares conhecidos por eles. De modo a evidenciar alguma lembrança vivida neles e de um vínculo de afeto ao lugar referido.

Durante a última atividade de arte educação, pôde-se observar a diversidade de expressões de cada

participante para retratar desenhos de paisagem, histórias e narrativas subjetivas, manifestações religiosas, cartas de amor e recados.

A exposição fotográfica contribuiu para o processo de resgate da autoestima dos profissionais que se viram nas fotografias com orgulho do trabalho que realizam para a cidade e para o meio ambiente.

Quanto às limitações do método aplicado, percebeu-se a dificuldade de reunir a mesma equipe ao longo dos dias de contato, uma vez que o território apresenta uma dinâmica que os mobiliza e remobiliza para diferentes regiões. Apesar disso, percebeu-se a importância de convergência de esforços junto da principal ONG e das associações no território. Como sugestões, pode-se pensar em se agregar novas formas de técnicas Arte-educativas junto da educação ambiental. Esse percurso metodológico pode abrir espaço para o empreendedorismo pessoal ou comunitário. Ao fim desse processo de ensino e aprendizagem ficou nítido o poder da Arte-educação ambiental no sentido de possibilitar a ambientação e a reflexão dos participantes das vivências. Nesse sentido, somos capazes de aprender com alegria e esperança na convicção de que a mudança é possível.

5 CONFLITO DE INTERESSE

Não há conflito de interesse na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. O suspiro dos oprimidos. São Paulo: Paulinas, 1984.

ALVES, Rubem. Hijos del mañana. Salamanca: Edições Sígueme, 1976 p.149-150.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação: leitura no subsolo. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 248 p.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

BRASIL, 1996. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Casa Civil, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 23 maio 2024.

CARVALHO I. Los sentidos de lo ambiental. In Leff E. la complejidade ambiental. México (DF): Siglo XX; 2000. P. 5-105.

CASTRO M. L. de, CANEDO JR, S. G. Educação Ambiental com instrumento de participação. In: PHILIPPI JR, A., PELICIONE, M. F. Educação ambiental e Sustentabilidade. 2ª edição. 2013.

CORNETTA, William. A obsolescência como artifício usado pelo fornecedor para induzir o consumidor a realizar compras repetitivas de produtos e a fragilidade do CDC para combater esta prática. 2016. 187 f. Tese (Doutorado em Direito) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/19874>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CUNHA, Marcelo Nascimento Bernardo da. Exposições Museológicas como estratégias de comunicação. Revista Magistro, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2005. 23 p.

- CURY, Marília Xavier. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2006. 160 p.
- DUARTE JÚNIOR, João Francisco. Breve visão da Arte no ensino brasileiro. In: DUARTE JÚNIOR, João Francisco *Fundamentos Estéticos da Educação*. 7. ed. Campinas: Papirus, cap. 5, p. 119-136. 2002
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 13.
- GOLDBERG, Luciane Germano. Projeto fotografismo etapas: palestra e bate-papo com o fotógrafo Tiago Santana, execução: releituras em pintura e exposição. In: *Metodologia e técnica do ensino de artes*. 2. ed. Fortaleza, 2019.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Marina. A. *Metodologia do Trabalho Científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.
- LIMA, A. O.; PIRES, A.; MONTEIRO, A.; MENESES, G. S.; MARTINS, H.; AZEVEDO, I.; FERREIRA, L.; ARAÚJO, M.; COSTA, M.; LEMOS, P.; MACIEL, W. G.; SALGADO, J. R. A. No rio cuja água da arte corre, ninguém será sempre o mesmo: reflexos do artista prismático. *Revista Entrevista*, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/35875>. Acesso em: 24 fev. 2024.
- LUZZI, D. *Educação Ambiental: Pedagoga, Política e Sociedade*. In: PHILIPPI JR, A., PELICIONE, M. F. *Educação ambiental e Sustentabilidade*. 2ª edição. 2013.
- MAMEDE F.; FRASSAT G. Construindo com Arte o nosso Meio Ambiente In: SANTOS José Eduardo dos; SATO, Michèle. *A contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora*. São Carlos: Rima, 2001.
- MARQUES, Angela.; SENNA, Gustavo. A política e a estética em Lixo Extraordinário: dano, dissenso e desidentificação. *Novos Olhares*, v. 2, n. 2, p. 6, 30 dez. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276647958_A_politica_e_a_estetica_em_Lixo_Extraordinario_dano_dissenso_e_desidentificacao. Acesso em: 15 jan. 2024.
- MIGLIORION, César (org). *Ensaio no real: O documentário brasileiro hoje*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.
- PACHECO, T. Inequality, Environmental Injustice, and Racism in Brazil: Beyond the Question of Colour. In: *Development in Practice*, v.18, n. 6, 2007.
- PELICIONI, M. C. F., PHILIPPI JR. A., Meio ambiente direto e cidadania: uma interação necessária. N: PILPPI Jr A. Alves, A.C., ROMERO, M. A. e BRUNA G., editores. *Meio Ambiente, direito e cidadania*. São Paulo: Signus; 2002. P. 347-51.
- PIANOWSKI, F.; GOLDBERG, L. G. *Metodologia e técnica do ensino de artes*. 2. ed. Fortaleza, 2019.
- ROIPE, Alberto; MATTAR, Sumaya. *Processos de criação na educação e nas artes*. Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes, 2018. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/

portaldelivrosUSP/catalog/book/272 . Acesso em 2 abr. 2024.

SATO M. & PASSOS L. A. Arte-educação-ambiental. Ambiente & Educação. Vol. 14. 2009.

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Zahar, 1979. 139 p.

VELLOSO, Marta Pimenta. Os catadores de lixo e o processo de emancipação social. Ciência & Saúde Coletiva, v. 10, n. suppl, p. 49–61, dez. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/QnskngZzZMw3kTw4nztdWBk/abstract/?lang=pt#ModalTutors>. Acesso em: 13 maio 2024.